



RELISE

ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR ANGOLANO SOB PERSPECTIVA FEMININA: DESIGUALDADES, RESISTÊNCIA E MUDANÇA¹

*ANGOLAN ENTREPRENEURIAL ECOSYSTEM FROM A FEMALE
PERSPECTIVE: INEQUALITIES, RESISTANCE AND CHANGE*

Teresa Domingos Gomes²

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise do ecossistema empreendedor angolano sob a perspectiva feminina, evidenciando as desigualdades de gênero e ressaltando a contribuição das mulheres para a participação econômica do país. O objetivo é examinar como essas desigualdades se manifestam no mundo do trabalho, bem como destacar a capacidade de resistência das mulheres diante desses desafios, apontando possíveis caminhos para a promoção de um empreendedorismo mais equitativo e inclusivo. Este artigo possui caráter qualitativo, com abordagem bibliográfica e documental. Com base nos dados do GEM Angola (2022) e nas produções acadêmicas consultadas, verifica-se que as mulheres angolanas representam a maior percentagem do empreendedorismo no país, correspondendo a 55,8%. Contudo, a maior parte dessas empreendedoras atua no mercado informal, realidade fortemente relacionada às condições de vulnerabilidade social e às limitações em sua formação acadêmica. Destaca-se que, em sua maioria, essas mulheres empreendem por necessidade, e não com foco na inovação. Diante desse cenário, torna-se urgente a formulação de políticas públicas mais inclusivas, capazes de ampliar o acesso das mulheres ao mercado formal e de criar condições para que possam desenvolver iniciativas empreendedoras sustentáveis e inovadoras.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino, desigualdade de gênero, Angola, mercado informal.

¹ Recebido em 10/08/2025. Aprovado em 14/08/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.16980651

² Universidade Federal do Paraná. teresa.gomes@ufpr.br



RELISE

186

ABSTRACT

This essay proposes an analysis of the Angolan entrepreneurial ecosystem from a female perspective, highlighting gender inequalities and highlighting women's contribution to the country's economic participation. The objective is to examine how these inequalities manifest themselves in the world of work, as well as to highlight women's resilience in the face of these challenges, pointing to possible paths for promoting a more equitable and inclusive entrepreneurship. This article is qualitative in nature, with a bibliographic and documentary approach. Based on data from GEM Angola (2022) and the academic literature consulted, it appears that Angolan women represent the largest percentage of entrepreneurs in the country, corresponding to 55.8%. However, most of these entrepreneurs operate in the informal market, a reality strongly related to social vulnerability and the limitations of their academic training. It is noteworthy that, for the most part, these women undertake entrepreneurship out of necessity, rather than with a focus on innovation. Given this scenario, it is urgent to formulate more inclusive public policies capable of expanding women's access to the formal market and creating conditions for them to develop sustainable and innovative entrepreneurial initiatives.

Keywords: female entrepreneurship, gender inequality, Angola, informal market.

INTRODUÇÃO

Em Angola, o empreendedorismo é interpretado de forma distinta em relação a outros países desenvolvidos, sendo associado à criação de micro, médias e macro empresas, ou ainda de negócios em locais formais ou informais, que grande parte das mulheres recorrem ao empreendedorismo como meio de sustento para suas famílias.

Os textos debatidos na disciplina Ecosistema empreendedor trazem uma concepção do empreendedorismo a partir de uma perspectiva inovadora, na qual os empreendedores estão sempre em busca de inovação e isto é uma realidade que não se aplica às mulheres que fazem o comércio em Angola e são chamadas como empreendedoras.

Deste modo, Gimenez (2022, n.p.) apresenta a concepção de empreendedorismo segundo Schumpeter que, em 1934, o definiu como a



RELISE

realização de novas combinações de recursos, o que inclui fazer coisas novas ou executar o que já é feito, porém de maneiras inovadoras. A reflexão proposta neste trabalho é sobre como esse conceito de criação de novas ideias se aplica às mulheres angolanas.

Pigola et al (2025) apresentam o ecossistema empreendedor como um mosaico espacial, rompendo com a noção de que o ecossistema é limitado a fronteiras territoriais fixas. No contexto social angolano, sob ótica feminina, o ecossistema empreendedor apresenta-se como uma forma de exclusão. A maioria das mulheres são consideradas empreendedoras no mercado informal, um setor pouco reconhecido, com baixa remuneração, escassa capacitação financeira e com poucas possibilidades de inovação nos seus empreendimentos.

Notadamente apesar desta participação das mulheres no mercado informal, elas encaram várias barreiras para poderem se manter no mercado, como violência policial, a falta de formação técnica e profissional, e muitas delas não têm acesso ao crédito.

Isso ocorre, em grande parte, devido à baixa escolaridade e à sobrecarga com as responsabilidades domésticas, resultados da construção social de que o lugar da mulher é na cozinha. Esses e vários outros fatores têm contribuído para a exclusão das mulheres em outros setores do mercado.

Sob essa perspectiva o presente estudo tem como objetivo analisar o ecossistema empreendedor angolano sob ótica feminina, discutindo sobre as desigualdades que as mulheres enfrentam dentro do mundo de trabalho e destacando como elas se mantêm resistentes a partir das possíveis mudanças para a promoção de um empreendedorismo mais equitativo.

Dessa forma, o presente **artigo** está estruturado em três seções principais, excluindo-se a introdução e a conclusão. Na primeira parte, abordamos *O Empreendedorismo em Angola*, com o intuito de compreender como esse fenômeno tem se consolidado no contexto angolano, marcado por



RELISE

188

especificidades sociais, econômicas e históricas. Na segunda seção, intitulada *Gênero e Empreendedorismo: Um Olhar sobre as Desigualdades*, discutimos como as desigualdades de gênero se manifestam e se perpetuam no ecossistema empreendedor do país. Por fim, na terceira parte, intitulada *Mulheres Empreendedoras e o Acesso às Políticas Públicas: Desafios e Demandas no Contexto Angolano*, analisamos criticamente a atuação do Estado e das instituições públicas, evidenciando como as políticas existentes ainda são insuficientes para incluir, de forma efetiva, mulheres em situação de vulnerabilidade no mercado formal. Muitas dessas mulheres veem-se forçadas a empreender por necessidade, e não por oportunidade, o que limita seu potencial de inovação e crescimento.

METODOLOGIA

Este artigo é de caráter qualitativo, com abordagem bibliográfica e documental. Baseamo-nos em artigos, teses e dissertações que tratam da temática do ecossistema empreendedor de forma geral.

Nosso objetivo não se limitou a apresentar textos que abordam o empreendedorismo feminino no contexto angolano, mas também considerou autores que discutem a realidade brasileira, como é o caso de Vale et al. (2011), que tratam de questões relacionadas a gênero, imersão e empreendedorismo no artigo "Sexo Frágil, Laços Fortes?", o qual foi contextualizado à luz da realidade angolana. Utilizamos, ainda, dados fornecidos pelo relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM Angola, 2022). Nosso estudo foi conduzido a partir de uma perspectiva crítica, com o intuito de compreender as divergências entre o discurso oficial sobre o empreendedorismo e os desafios concretos enfrentados pelas mulheres empreendedoras angolanas.



RELISE

O EMPREENDEDORISMO EM ANGOLA

O empreendedorismo em Angola tem crescido bastante nos últimos tempos, como formas alternativas de obter uma fonte de renda devido o número elevado de desemprego.

De acordo com Catessamo e Rua (2015), o empreendedorismo em Angola surge, em grande parte, por necessidade e não por oportunidade. Muitos empreendedores não dispõem de meios para inovar ou desenvolver suas ideias, o que limita significativamente o crescimento dos seus negócios. Esse é o caso de muitas mulheres angolanas, que recorrem ao comércio informal com o objetivo principal de sustentar suas famílias.

Sob essa perspectiva, corrobora-se a visão de Mendes (2012), que destaca que grande parte dos empreendedores angolanos empreende por necessidade, e não por oportunidade. Isso se deve, sobretudo, ao fato de muitos deles especialmente as mulheres, viverem em contextos marcados pela baixa escolaridade e pela pobreza.

Partindo dessa ideia de empreendedorismo por necessidade, Porter et al. (2002), apud Pereira (2020), destacam que, nos países em desenvolvimento, as economias tendem a ser baseadas em recursos naturais, e o empreendedorismo existente está voltado, sobretudo, para a sobrevivência. Nesses contextos, muitos indivíduos não têm a oportunidade de ingressar no mercado formal nem de buscar oportunidades inovadoras, devido à limitação de infraestruturas tecnológicas e à ausência de apoio por parte do Estado.

Esse empreendedorismo por necessidade, em Angola assim como em outros países do continente africano é praticado majoritariamente por mulheres,



RELISE

conhecidas como zungueiras³ e quitandeiras.⁴ Elas atuam em espaços informais, comercializando produtos diversos como alimentos, roupas, materiais escolares, entre outros. A presença dessas mulheres no comércio informal se deve, sobretudo, à ausência de oportunidades no mercado formal, e não à busca por inovação ou expansão de negócios. Ao examinarem as especificidades do empreendedorismo nos países em desenvolvimento, Azmat e Samaratunge (2009, apud Mendes, 2012, p. 7) sustentam que:

Os primeiros capitalistas e, também, os primeiros empreendedores, deram nas vistas em países mais desenvolvidos graças à existência de condições favoráveis ao desenvolvimento das suas actividades. Já “os países em desenvolvimento têm presenciado recentemente ao nascimento de empreendedores individuais em pequena escala, que vão de pequenos comerciantes a pequenos prestadores de serviços, como vendedores de rua ou proprietários de pequenas lojas – em resultado das reformas baseadas no mercado, na rápida urbanização, do desemprego e da pobreza” (Azmat e Samaratunge, 2009, apud Mendes, 2012, p.7).

Desta feita, compreende-se que, nos países desenvolvidos, o surgimento do empreendedorismo esteve associado à inovação e à acumulação de capital, enquanto, nos países em desenvolvimento, ele emerge principalmente da informalidade, do desemprego e da pobreza, configurando-se como um empreendedorismo por necessidade.

É necessária a criação de um ecossistema empreendedor mais favorável ao desenvolvimento de negócios sustentáveis e competitivos, com o objetivo de reduzir as desigualdades enfrentadas por essas mulheres, que pertencem a grupos socialmente vulneráveis.

³ Zungueiras são mulheres vendedoras ambulantes que percorrem quilômetros de distância, em alguns bairros de Angola, para comercializarem, diversos produtos que carregam em uma bacia em suas cabeças, como: comida, acessórios e vestimenta, chinelas, entre outros.

⁴ Quitandeiras, o termo vem de "quitanda", palavra de origem quimbundo (língua falada em Angola), *kitanda*, que significa “banca” ou “local de venda. Uma quitandeira é, tradicionalmente, a mulher que vende produtos diversificados como frutas, legumes, verduras, roupas, doces e quitutes entre outros em feiras, mercados ou na rua. Diferentes das zungueiras as quitandeiras têm local fixo para a venda.



RELISE

Percebe-se que o empreendedorismo é um conceito que vem ganhando várias definições. Gimenez (2023) destaca que não é um estudo muito antigo e o termo empreendedorismo começou a ser usado na economia a partir do século XVIII e XIX, os seus estudos só se intensificaram a partir do meado do século XX.

Em Angola, um país subdesenvolvido, as ações que promovem o empreendedorismo começaram a ser implementada na década 90, mas só houve uma intensificação a partir do ano de 2010 onde começou a surgir as micro e pequenas empresas.

O empreendedorismo é determinante estando estreitamente ligado à inovação, é o veículo que transporta as novas ideias e formas de fazer coisas ao encontro das necessidades do mercado. (Correia, 2013, p.1 apud Catessamo e Rua 2015.p 20).

Esses autores ressaltam a importância de associar o empreendedorismo à inovação. No entanto, nossa preocupação recai sobre como essas mulheres, reconhecidas como empreendedoras no contexto angolano em sua maioria com baixa escolaridade, inseridas no comércio informal, com recursos financeiros limitados e sem acesso facilitado ao crédito poderão inovar sem o devido conhecimento e apoio.

De qualquer forma, essa realidade configura-se como uma forma de exclusão, pois, como destacam Catessamo e Rua (2015), em Angola, a inovação e o empreendedorismo estão no centro das preocupações do Estado. Os autores fazem referência à perspectiva de Drucker, segundo a qual a inovação pode ser aplicada até mesmo em pequenos negócios.

Por tanto, percebe-se que o empreendedorismo em Angola embora tem contribuído para o crescimento econômico do país, ainda se constata que as mulheres sofrem a desigualdade mais acentuada, e isto acontece pelos fatores



RELISE

históricos e culturais de uma sociedade que vive sob as ideias patriarcais que acabam excluindo as mulheres na posição de poder.

GÊNERO E EMPREENDEDORISMO: UM OLHAR SOBRE AS DESIGUALDADES

Notadamente, a presença de mulheres no campo do empreendedorismo tem crescido nos últimos tempos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico de diversos países.

Em Angola, por exemplo, as mulheres desempenham um papel crucial na economia, mesmo quando atuam predominantemente no setor informal. Apesar disso, persistem profundas desigualdades de gênero que limitam tanto o reconhecimento quanto o pleno desenvolvimento das mulheres empreendedoras.

Segundo Brandão et al. (2019), o estudo sobre o empreendedorismo feminino foi incorporado tardiamente ao campo acadêmico. Vale et al. (2011) também destacam que, nas últimas décadas, o empreendedorismo feminino tem se consolidado como objeto de análise de inúmeros pesquisadores, refletindo uma crescente valorização desse fenômeno. Dada a evolução da participação das mulheres na economia contemporânea mesmo diante de desafios como a dupla jornada de trabalho torna-se imprescindível compreender as dinâmicas de gênero que moldam suas trajetórias empreendedoras e os contextos sociais nos quais elas estão inseridas.

Convém destacar que, em Angola, o empreendedorismo feminino surge, predominantemente, como uma estratégia de sobrevivência, o que reflete um contexto marcado por profundas desigualdades sociais e econômicas. Como observam Pereira (2020) e Mendes (2012), trata-se, muitas vezes, de um empreendedorismo por necessidade, no qual as mulheres recorrem à atividade empreendedora não por escolha, mas como resposta à exclusão do mercado de



RELISE

trabalho formal. Nessa mesma linha, Brandão et al. (2019) conceituam esse fenômeno como uma “autonomização ambígua”, que evidencia a precariedade das condições em que muitas mulheres são levadas a empreender, especialmente nos mercados informais.

Percebe-se, assim, que as limitações socioeconômicas enfrentadas pelas mulheres angolanas ainda representam um obstáculo significativo para que sua atuação no mercado seja plenamente reconhecida e valorizada.

Segundo Ferretti e Souza (2022) quando se fala de gênero em empreendedorismos normalmente é associado a um termo neutro, onde o homem é caracterizado como empreendedor e a mulher como outro, o que tem invisibilizando a presença de mulheres dentro do espaço empreendedor, em muitos casos o discurso de empreendedorismo tem gerado a desigualdade e hierarquias de gênero.

Vale et al. (2011) apresentam uma perspectiva de gênero e empreendedorismo voltada para a realidade brasileira, mas alguns pontos podem ser analisados a partir do empreendedorismo feminino em Angola, devido às desigualdades de gênero estruturalmente construídas por essas sociedades. As autoras destacam que as mulheres empreendedoras são guiadas por laços fortes, contando com a rede de apoio de familiares e vizinhos. Cohen (2006), na mesma perspectiva, enfatiza que redes informais representam amigos, familiares, colegas e relações informais do empresário com empresas semelhantes (Neck et al., 2004; Birley, 1985, apud Cohen, 2006, p.4). Em Angola, as empreendedoras frequentemente atuam nessas redes informais, onde a confiança e o apoio vêm muitas vezes de familiares, amigos e vizinhos, o que limita o acesso a informações estratégicas, inovadoras e a uma rede de contatos mais abrangente para o crescimento empresarial.

De acordo com Vale et al. (2011), a maioria das mulheres empreendedoras possui poucos familiares empresariais, já que a maior parte



RELISE

dos negócios formais é praticada por homens. Na realidade angolana, essa situação é semelhante: o empreendedorismo feminino está mais associado a negócios informais, geralmente conduzidos por mulheres de famílias mais vulneráveis, onde o negócio é realizado sem planejamento, funcionando apenas como uma forma de sobrevivência.

MULHERES EMPREENDEDORAS E O ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS: DESAFIOS E DEMANDAS NO CONTEXTO ANGOLANO

Tendo em vista o contexto histórico do empreendedorismo feminino angolano, marcado por desigualdades constantemente reproduzidas ao longo do tempo, torna-se evidente a necessidade da construção de políticas públicas mais inclusivas, que garantam a permanência dessas mulheres no mercado de trabalho e não apenas no mercado informal, onde enfrentam diversas barreiras para se manterem ativas, como a dificuldade de acesso ao crédito, a violência policial, a falta de formação técnica, entre outros obstáculos.

Catessamo e Rua (2015) asseveram que a inovação e o empreendedorismo estão no centro das preocupações do Estado angolano, mas, considerando a exclusão e a violência que as mulheres empreendedoras sofrem por parte do próprio Estado, é imprescindível afirmar que as políticas governamentais ainda são insuficientes para incluir efetivamente as mulheres nos mercados formais.

Segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM Angola, 2022), Angola foi o único país, em 2022, a apresentar uma percentagem de atividade empreendedora em estágio inicial (early-stage) entre as mulheres superior a 50%, sendo que as mulheres representavam 55,8% das empreendedoras e 50,8% dos empreendedores. No entanto, destaca-se que a maior parte dessas mulheres atua no setor informal, com poucas oportunidades de inovar. Diante disso, evidencia-se a necessidade de criação de políticas públicas mais



RELISE

inclusivas, com foco no acesso à formação, visando à formalização dos negócios conduzidos por mulheres no mercado informal.

De acordo com o relatório do Global Entrepreneurship Monitor GEM Angola (2022), as políticas governamentais angolanas avaliam o grau em que as políticas relativas a impostos e regulamentações, bem como a sua aplicação, são neutras no que diz respeito à dimensão das empresas e o grau em que estas políticas incentivam ou desincentivam empresas novas e em crescimento (GEM Angola, 2022, p. 51). Além disso, o documento também avalia a presença de programas governamentais, que avaliam a existência de programas, em todos os níveis de governação (nacional, regional e municipal), que apoiem diretamente negócios novos e em crescimento (GEM Angola, 2022, p. 48).

Percebe-se que as políticas atualmente adotadas pelo governo angolano são insuficientes para alcançar, de forma eficaz, a maioria das mulheres empreendedoras, especialmente aquelas provenientes de contextos de maior vulnerabilidade. A criação de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis à questão de gênero torna-se essencial para que as mulheres empreendedoras angolanas possam atuar diretamente na superação das desigualdades estruturalmente construídas em uma sociedade historicamente patriarcal.

CONCLUSÃO

Diante do que foi abordado, evidencia-se que discutir o ecossistema empreendedor angolano sob a ótica feminina é reconhecer que, embora o empreendedorismo possa oferecer oportunidades de desenvolvimento, ainda existem diversas contradições quando se observa essa realidade a partir das desigualdades de gênero. Nota-se que a maioria das mulheres inseridas no mercado informal não empreende por oportunidade ou inovação, mas por necessidade como forma de garantir a própria subsistência e sustentar suas famílias. Essa realidade decorre de suas limitações financeiras e acadêmicas,



RELISE

além da ausência de políticas públicas inclusivas que possibilitem o acesso das mulheres ao mercado formal.

A partir dos dados apresentados pelo GEM Angola (2022), observa-se que as mulheres representam a maior percentagem no cenário do empreendedorismo angolano. No entanto, sua atuação se concentra majoritariamente no mercado informal. As políticas públicas adotadas pelo Estado não se configuram como verdadeiramente inclusivas, uma vez que não promovem a inserção efetiva das mulheres no mercado formal de trabalho. Essa exclusão está diretamente relacionada a fatores como a situação de vulnerabilidade social, a violência policial e as limitações na formação acadêmica que muitas dessas mulheres enfrentam.

Portanto, torna-se urgente a formulação de políticas públicas mais inclusivas que facilitem o acesso das mulheres ao mercado formal. No campo da educação, é essencial ampliar as redes de apoio para que essas mulheres possam empreender não apenas por necessidade, mas também por escolha. Além disso, é fundamental que sejam capacitadas adequadamente, a fim de que possam atuar com inovação e contribuir de forma mais significativa para o desenvolvimento do mercado angolano.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Maria; MARQUES, Ana Paula; LAMELA, Rita. **Gênero, empreendedorismo e autonomização profissional**. 2019.

CATESSAMO, Malundo Fausto; RUA, Orlando Lima. **Inovação e empreendedorismo em Angola: contribuições para o desempenho das PME**. Lisboa: Vida Económica Editorial, abr. 2015.

COHEN, Boyd. **Ecosistemas empreendedores de vales sustentáveis. Estratégia Empresarial e Meio Ambiente**, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2006.



RELISE

FERRETTI, Amanda Soares Zambelli; SOUZA, Eloisio Moulin de. Teoria queer e os discursos sobre empreendedorismo: desigualdades de gênero e alternativas de análise a partir do entrepreneuring. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 20, p. 276-288, 2022.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. **A virada espacial na pesquisa em empreendedorismo: há implicações para políticas públicas?** *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 8, n. 2, p. 1-4, mar./abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7705373>.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. **Empreendedorismo**. In: _____. *O estrategista na pequena empresa: da ação empreendedora à estratégia*. Curitiba: Universidade Positivo, 2022. cap. 2.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **GEM Angola 2022/2023 report**. Luanda: Universidade Católica de Angola; Rede de Pesquisa GEM, 2023.

MENDES, Ana Isabel Marques. **Empreendedorismo e crescimento económico: o caso de Angola**. 2012. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade do Minho, Braga, 2012.

PEREIRA, Renato. **Uma perspetiva histórica do empreendedorismo em Angola**. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, v. 11, n. 1, maio/out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.11.1.5>.

PIGOLA, Angélica et al. **Ecosistemas empreendedores como mosaicos espaciais: impulsionadores da criação de valor em espaços geográficos**. *Economia de Pequenas Empresas*, p. 1-24, 2025.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; SERAFIM, Ana Carolina Ferreira; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. **Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes?** *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, p. 631-649, 2011.